

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Hate U Give*

Autora: *Angie Thomas*

Copyright © 2017 by Angela Thomas

Edição portuguesa publicada por acordo com Lennart Sane Agency AB

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Rita Figueiredo*

Revisão: *Helena Romão/Editorial Presença*

Capa © 2017 Debra Cartwright

Design da capa: *Jenna Stempel*

Adaptação: *Susana Rainho Monteiro*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, setembro, 2017

Depósito legal n.º 430 101/17

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO UM

Eu não devia ter vindo a esta festa.

Nem sequer tenho a certeza de que *pertenço* a esta festa. E isto nem é uma treta burguesa. Simplesmente há lugares onde não basta ser eu. Nenhuma versão de mim. A festa das férias de primavera do Big D é um desses lugares.

Atravesso a multidão de corpos suados e sigo a Kenya, com os caracóis a balançarem-lhe abaixo dos ombros. Uma névoa paira sobre a sala, a cheirar a erva, e a música faz o chão estremecer. Um *rapper* qualquer ordena a todos que digam *Nae-Nae*, seguido por uma série de «Heys» quando as pessoas se lançam nas suas próprias versões. A Kenya levanta o copo e atravessa a multidão a dançar. Entre a dor de cabeça causada pela música alta e as náuseas causadas pelo cheiro da erva, será um milagre se conseguir atravessar a sala sem entornar a minha bebida.

Separamo-nos da multidão. A casa do Big D está a rebentar pelas costuras. Sempre ouvi dizer que toda a gente vem às festas de primavera que ele faz — bem, toda a gente menos eu —, mas livra! Não sabia que era tanta gente. As raparigas têm o cabelo pintado, encaracolado, com extensões. Senti-me básica como tudo com o meu rabo de cavalo. Os rapazes com ténis acabados de estrear e calças descaídas roçam-se de tal forma nas raparigas que mais um bocado e precisavam de preservativos. A minha avó gosta de dizer que a primavera traz o amor. A primavera em Garden Heights nem sempre traz o amor, mas promete bebés no inverno. Não me surpreenderia se muitos deles fossem concebidos na noite da festa do Big D. Ele organiza-a

sempre na sexta-feira das férias da Páscoa, porque precisamos do sábado para recuperar e do domingo para nos arrependermos.

— Para de me seguir e vai dançar, Starr — diz a Kenya. — As pessoas já andam a dizer que te achas melhor que os outros todos.

— Não sabia que havia tanta gente em Garden Heights com o poder de ler pensamentos. — Ou que as pessoas me conheciam como outra coisa que não «A filha do Big Mav que trabalha na loja». Bebo um gole da minha bebida e cuspo-a imediatamente. Eu sabia que continha mais do que ponche de fruta, mas isto é mais forte do que estou habituada. Nem deviam chamar-lhe ponche. Deviam chamar-lhe simplesmente álcool. Pouso o copo na mesa de apoio e digo:

— Acho o máximo que as pessoas achem que sabem o que eu penso.

— Olha, só estou a dizer o que penso. Comportas-te como se não conhecesses ninguém porque andas naquela escola.

Ouço a mesma história há seis anos, desde que os meus pais me matricularam na escola privada Williamson.

— Que se lixe — murmuro.

— E também não morrias se não te vestisses... — Ela levanta o nariz enquanto desvia o olhar dos meus ténis para o meu casaco com capuz demasiado grande. — *Assim*. Esse casaco não é do meu irmão?

Do *nosso* irmão. A Kenya e eu partilhamos um irmão mais velho, o Seven. Mas não somos irmãs. A mãe dela é mãe do Seven e o meu pai é pai do Seven. Sim, eu sei, uma loucura.

— Sim, é.

— Bem me pareceu. Sabes o que mais as pessoas dizem, não sabes? Há gente que pensa que és minha namorada.

— Eu pareço preocupada com o que as pessoas pensam?

— Não! E o problema é esse!

— Que se lixe. — Se eu soubesse que segui-la até esta festa significaria que ela ia dedicar-se a fazer uma *Extreme Makeover: Starr Edition*, teria ficado em casa a ver repetições do *Príncipe de Bel-Air*. Os meus *Jordans* são confortáveis e, além disso, são novos. É mais do que muita gente pode dizer da sua roupa. O casaco é demasiado grande, mas eu gosto dele assim. Além do mais, se o puxar para cima do nariz, não sinto o cheiro da erva.

— Bem, eu não vou passar a noite a tomar conta de ti, portanto acho bem que faças alguma coisa — diz a Kenya olhando em redor da sala. Sinceramente, a Kenya podia ser modelo. Tem uma pele negra perfeita — acho que nunca teve uma borbulha —, olhos castanhos amendoados e longas pestanas naturais. Também tem a altura perfeita para ser modelo, embora seja um pouco mais roliça que aquelas escanzeladas das passarelas. Nunca usa a mesma roupa duas vezes. O pai dela, o King, certifica-se de que não precisa de o fazer.

A Kenya é a única pessoa de Garden Heights com quem convivo — é difícil fazer amigos quando se anda numa escola a quarenta e cinco minutos de distância e quando se é uma miúda que passa grande parte do tempo em casa sem supervisão e que só é vista na loja da família. É fácil conviver com a Kenya por causa da nossa ligação ao Seven. Mas às vezes ela é muito descontrolada. Sempre a arranjar brigas com os outros e a dizer que o pai vai dar uma coça a alguém. Sim, é verdade, mas eu gostava que ela parasse de se meter em brigas só para usar esse trunfo. Ora, eu também podia usar o meu. Toda a gente sabe que não se brinca com o meu pai, o Big Mav, e certamente não se brinca com os filhos dele. Ainda assim, não me veem a andar por aí a arranjar confusão.

Como na festa do Big D, onde a Kenya está a lançar olhares provocadores à Denasia Allen. Não me lembro de muito acerca da Denasia, mas lembro-me que ela e a Kenya se detestam desde a quarta classe. Nesta noite, a Denasia está a dançar com um tipo no outro lado da sala sem prestar atenção à Kenya. Mas, para onde quer que vamos, a Kenya localiza a Denasia e lança-lhe olhares fulminantes. E o problema desses olhares é que a dada altura notamos que estamos a ser alvo deles, o que nos leva a partir para a porrada ou a apanhar porrada.

— Ooh! Não a suporto — diz a Kenya, a ferver de raiva. — No outro dia, estávamos na fila para a cantina, sabes? E ela estava atrás de mim, a dizer mentiras. Não usou o meu nome, mas eu sei que estava a falar de mim, a dizer que eu tinha tentado enrolar-me com o DeVante.

— A sério? — Digo o que se espera de mim.

— A-hã. Eu não quero nada com ele.

— Eu sei. — Sinceramente? Nem sei quem é o DeVante. — E o que é que tu fizeste?

— O que é que achas que eu fiz? Virei-me e perguntei-lhe se tinha algum problema comigo. E ela disfarçou, dizendo «Eu nem estava a falar de ti», quando eu sabia que estava! Tens muita sorte por andares naquela escola de brancos e não teres de lidar com vacas como ela.

Não é ridículo? Ainda nem há cinco minutos, eu era convencida por andar na Williamson. Agora sou sortuda?

— Acredita que a minha escola também tem vacas dessas. É universal.

— Olha, nós hoje vamos dar-lhe uma lição. — O olhar fulminante da Kenya alcança o seu nível mais elevado. A Denasia sente-o e olha para ela. — A-hã — confirma a Kenya, como se a Denasia estivesse a ouvi-la. — Vê só.

— Espera. Nós? Foi por isso que me imploraste para vir a esta festa? Para teres uma parceira no crime?

Ela tem a lata de parecer ofendida.

— Não é como se tivesses outras coisas para fazer! Ou outras pessoas com quem estar. Estou a fazer-te um favor.

— A sério, Kenya? Sabes que eu tenho amigos, não sabes?

Ela revira os olhos. Muito. Durante alguns segundos só lhe vejo a parte branca dos olhos.

— Essas miúdas burguesas da tua escola não contam.

«Não são burguesas e contam, sim», penso. Eu e a Maya damos-nos bem. Não sei o que se passa entre mim e a Hailey nos últimos tempos.

— E se queres saber o que eu acho, se arrastar-me para um conflito social é a tua forma de ajudar a minha vida social, deixa estar. Raios, a tua vida tem sempre de ter tanto drama.

— Por favor, Starr? — Ela arrasta a voz enquanto pede. Demasiado. — Olha, vou dizer-te o que estou a pensar: esperamos até ela se afastar do DeVante, sim? E depois...

O meu telefone vibra contra a minha coxa e olho para o ecrã. Uma vez que ignorei os seus telefonemas, o Chris manda-me uma mensagem.

Podemos falar?

Não queria que as coisas tivessem sido assim.

Claro que não queria. Ele queria que as coisas ontem tivessem corrido de forma muito diferente, e o problema é esse. Volto a enfiar o telefone no bolso. Não sei o que quero dizer, mas prefiro lidar com ele mais tarde.

— Kenya! — grita alguém.

Uma rapariga grande de pele clara e cabelo liso atravessa a multidão na nossa direção. Um rapaz alto com uma crista afro preta e loura segue-a. Ambos abraçam a Kenya e comentam o quanto está gira. É como se eu nem estivesse aqui.

— Porque é que não me disseste que vinhas? — pergunta a rapariga, enfiando o polegar na boca. Tem os dentes saídos por causa do hábito de o fazer. — Podias ter vindo connosco.

— Não, pá. Tinha de ir buscar a Starr — responde a Kenya. — Viemos a pé juntas.

É nesse momento que eles reparam em mim, a menos de meio metro da Kenya.

O tipo semicerra os olhos enquanto me observa de cima a baixo. Franze a testa por um segundo, mas é o suficiente para eu notar.

— Não és a filha do Big Mav que trabalha na loja?

Veem? As pessoas reagem como se fosse esse o nome na minha certidão de nascimento.

— Sim, a própria.

— Ohhh! — diz a rapariga. — Bem me pareceu que tinhas um rosto familiar. Andámos juntas na terceira classe. Na turma da Sra. Bridges. Eu ficava sentada atrás de ti.

— Oh. — Eu sei que este é o momento em que devia lembrar-me dela, mas não me lembro. Suponho que a Kenya tinha razão — não conheço mesmo ninguém. Os rostos são familiares, mas não fixamos os nomes e as histórias de vida quando estamos a pôr as compras das pessoas nos sacos.

Mas posso mentir.

— Sim, eu lembro-me de ti.

— Miúda, não mintas — diz o tipo. — Sabes muito bem que não a conheces.

— «Porque é que estás sempre a mentir?» — cantam a Kenya e a rapariga em coro. O rapaz junta-se a elas e desatam todos a rir.

— Bianca e Chance, portem-se bem — diz a Kenya. — Esta é a primeira festa da Starr. Os pais dela não a deixam ir a lado nenhum.

Lanço-lhe um olhar fulminante.

— Eu vou a festas, Kenya.

— Vocês viram-na em alguma festa por aqui? — pergunta-lhes ela.

— Não!

— Bem visto. E antes que o digas, festinhas de putos brancos do subúrbio não contam.

O Chance e a Bianca riem-se. Raios, como eu queria que este casaco com capuz me engolisse neste momento.

— Aposto que metem MDMA e merdas do género, não é? — pergunta-me o Chance. — Os putos brancos adoram drogas.

— E ouvir Taylor Swift — acrescenta a Bianca, ainda com o polegar enfiado na boca.

OK, em parte é verdade, mas não lhes digo isso.

— Não, na verdade, as festas deles são bem fixes — respondo. — Uma vez, um rapaz conseguiu que o J. Cole cantasse na festa dele.

— Não! A sério? — pergunta o Chance. — Porra. Miúda, para a próxima convida-me. Também quero ir às festas dos putos brancos.

— Enfim — diz a Kenya. — Estávamos a planear ir ter com a Denasia. A gaja está ali a dançar com o DeVante.

— Esse truque é velho — diz a Bianca. — Sabes que ela está farta de falar de ti, não sabes? Estive na aula do Sr. Donald na semana passada e a Aaliyah contou-me...

O Chance revira os olhos.

— Ugh! O Sr. Donald.

— Estás chateado porque ele te mandou para a rua — diz a Kenya.

— Claro que estou!

— Enfim, a Aaliyah contou-me... — começa a Bianca.

Volto a perder-me na conversa enquanto eles falam de professores e colegas que eu não conheço. Não tenho nada a dizer. Também não importa. Sou invisível.

Sinto-me invisível com muita frequência por estas bandas.

A meio das queixas sobre a Denasia e os professores, a Kenya diz qualquer coisa acerca de ir buscar outra bebida e os três afastam-se sem mim.

Subitamente sou a Eva no Jardim depois de comer o fruto — é como se descobrisse que estava nua. Estou sozinha numa festa onde nem devia estar, onde não conheço praticamente ninguém. E a pessoa que conheço acaba de me deixar pendurada.

A Kenya passou semanas a implorar-me para vir a esta festa. Eu sabia que ia sentir-me desconfortável como tudo, mas sempre que lhe dizia que não queria vir, ela olhava-me como se eu tivesse dito que «sou boa demais para uma festa em Garden Heights». Cansei-me de ouvir essas coisas e decidi provar-lhe que estava errada. O problema é que teria sido preciso o Jesus Negro para convencer os meus pais a deixarem-me vir. Agora ia ser preciso o Jesus Negro para me salvar se eles descobrissem que estou aqui.

As pessoas olham para mim com aquela cara de «quem é esta miúda, encostada à parede como se não pertencesse aqui?». Enfio as mãos nos bolsos. Desde que mantenha um ar descontraído e não fale com ninguém, vai correr tudo bem. O que é irónico é que na Williamson não tenho de pôr um ar descontraído — estou sempre descontraída porque sou uma das únicas miúdas negras que lá andam. Tenho de conquistar o meu à-vontade em Garden Heights, e isso é mais difícil do que comprar uns *Jordans* retro no dia do lançamento.

É engraçado como isto funciona com os miúdos brancos. É fixe ser negra, até se tornar difícil ser negra.

— Starr! — exclama uma voz familiar.

O mar de gente abre-se para o deixar passar como se fosse um Moisés negro. Os rapazes batem com as mãos nas dele e as raparigas esticam o pescoço para o verem. Ele sorri-me e as covinhas arruínam a sua personagem.

O Khalil é fixe, não há outra maneira de o dizer. E eu costumava tomar banho com ele. Não, não é *nesse* sentido, foi nos velhos tempos, quando nos ríamos porque ele tinha pilinha e eu tinha pipi. Juro que não era nada pervertido.

Ele abraça-me, a cheirar a sabonete e a pó de talco.

— Como estás, miúda? Já não te vejo há algum tempo. — Ele solta-me. — Não mandas mensagens, nada. Por onde tens andado?

— A escola e a equipa de basquete têm-me mantido ocupada — respondo. — Mas estou sempre na loja. E a ti é que nunca mais ninguém te viu.

As covinhas desaparecem. Ele limpa o nariz, como faz sempre quando se prepara para mentir.

— Tenho andado ocupado.

Obviamente. Os *Jordans* novos, a gravata branca engomada, os diamantes nas orelhas. Quando uma pessoa cresce em Garden Heights, sabe o que significa a palavra «ocupado».

Merda. Quem me dera que *ele* não andasse ocupado nesse sentido. Não sei se tenho vontade de chorar ou de lhe bater.

Mas a forma como o Khalil me olha com aqueles olhos cor de avelã torna difícil zangar-me. Sinto-me como se tivesse outra vez dez anos, na cave da Igreja do Templo de Cristo, a receber dele o meu primeiro beijo no campo de férias da igreja. Subitamente, lembro-me que estou vestida com um casaco com capuz, com péssimo aspeto... e que *tenho* um namorado. Posso não estar a atender o telefone nem a responder às mensagens do Chris neste momento, mas ele ainda é meu e quero que as coisas continuem assim.

— Como está a tua avó? — pergunto. — E o Cameron?

— Estão bem. Mas a minha avó está doente. — O Khalil bebe um gole da bebida. — Os médicos dizem que ela tem cancro, ou lá o que é.

— Raios. Sinto muito, K.

— Sim, ela está a fazer quimioterapia. Mas só está preocupada com a possibilidade de ter de arranjar uma peruca. — Solta uma gargalhada fraca que não mostra as covinhas. — Vai correr bem.

É mais uma prece do que uma profecia.

— A tua mãe está a ajudar com o Cameron?

— Querida Starr. Sempre a tentar ver o melhor nos outros. Sabes bem que ela não está a ajudar.

— Olha, foi só uma pergunta. Ela veio à loja no outro dia. Parece melhor.

— Por agora — responde o Khalil. — Ela anda a dizer que está a tentar tratar-se, mas é sempre a mesma coisa. Anda limpa durante algumas semanas, depois decide que é só uma vez e volta a cair no mesmo. Mas como eu disse, eu estou bem, o Cameron está bem, a avó está bem. — Encolhe os ombros. — É o que importa.

— Sim — digo, mas depois lembro-me das noites que passei com o Khalil no alpendre da casa dele, à espera que a mãe dele regressasse a casa. Independentemente de lhe agradar ou não, ela também é importante para ele.

A música muda e a voz do Drake emana das colunas. Abano a cabeça ao ritmo da música e canto em voz baixa. Toda a gente na pista de dança grita as palavras «começámos do nada e agora estamos aqui». Há dias em que *estamos* no fundo de tudo em Garden Heights, mas ainda temos a noção de que podia ser pior.

O Khalil está a observar-me. Um sorriso tenta formar-se nos lábios dele, mas ele abana a cabeça.

— Não acredito que ainda estás apaixonada por aquele chorão do Drake.

Olho-o de boca aberta.

— Deixa o meu marido em paz!

— O teu marido *foleiro*. «Querida, és o meu tudo, és tudo o que eu sempre quis» — canta o Khalil com uma voz choramingada. Empurro-o com o ombro e ele ri-se, fazendo a bebida entornar-se. — Sabes bem que é assim que ele soa!

Mostro-lhe o dedo do meio. Ele aperta os lábios e faz um som de beijinhos. Tantos meses afastados e voltámos ao normal como se não se tivesse passado nada.

O Khalil agarra num guardanapo da mesa de apoio e limpa a bebida que entornou nos *Jordans* — os *Three Retro*. Saíram há alguns anos, mas eu seria capaz de jurar que os dele eram novos. Custam cerca de trezentos dólares e isso é se encontrarmos alguém no eBay que seja moderado com os preços. Foi o que o Chris fez. Eu consegui os meus por uma pechincha, a cento e cinquenta, mas uso um tamanho de criança. Graças aos meus pés pequenos, o Chris e eu podemos usar ténis a condizer. Sim, somos *esse* casal. Mas porra, somos mesmo fixes. Se ele conseguir parar de fazer coisas estúpidas, vamos conseguir ser mesmo fixes.

— Gosto dos ténis — digo ao Khalil.

— Obrigado. — Ele limpa os sapatos com o guardanapo. Estremeço. A cada esfregadela, os ténis pedem-me ajuda. Não estou a mentir, sempre que uns ténis não são limpos como deve ser, morre um gatinho.

— Khalil — digo, a um segundo de lhe arrancar o guardanapo da mão. — Ou limpas suavemente para trás e para a frente ou passas um pano húmido. Mas não esfregues. A sério.

Ele levanta o olhar e fita-me, a sorrir.

— OK, senhora especialista em ténis. — E, graças ao Jesus Negro, ele seca-os cuidadosamente. — Já que me fizeste entornar a bebida neles, eu devia obrigar-te a limpá-los.

— Vai custar-te sessenta dólares.

— Sessenta? — grita ele, endireitando-se.

— Podes crer. E seriam oitenta se tivessem solas transparentes. — As solas transparentes são incrivelmente difíceis de limpar. — Os *kits* de limpeza não são baratos. Além disso, é óbvio que andas a ganhar bem para poderes comprar ténis destes.

O Khalil bebe um gole da bebida como se eu não tivesse dito nada e murmura:

— Porra, esta merda é forte — e depois pousa o copo na mesa de apoio. — Olha, diz ao teu pai que tenho de lhe ligar em breve. Estão a acontecer umas coisas e tenho de falar com ele acerca disso.

— Que tipo de coisas?

— Coisas de gente crescida.

— Sim, porque tu és tão adulto.

— Cinco meses, duas semanas e três dias mais velho do que tu. — Pisca-me o olho. — Não me esqueci.

Há uma agitação no meio da pista de dança. As vozes discutem mais alto do que a música. Palavrões voam em todas as direções.

A primeira coisa que penso? Que a Kenya enfrentou a Denasia como tinha prometido. Mas as vozes são mais profundas do que as delas.

Bam! Um tiro soa. Abaixo-me.

Bam! Um segundo tiro. A multidão corre na direção da porta, o que leva a mais palavrões e a lutas, quando todos tentam sair ao mesmo tempo.

O Khalil agarra-me na mão.

— Vamos.

Há demasiadas pessoas e demasiados cabelos encaracolados para me permitir ver a Kenya.

— Mas a Kenya...

— Esquece-a, vamos!

Ele puxa-me pelo meio da multidão, empurrando pessoas e pisando sapatos. Isso por si só podia fazer-nos levar alguns tiros. Procuo a Kenya no meio dos rostos em pânico, mas continuo a não ver sinal dela. Não tento ver quem foi alvejado nem quem disparou. Uma pessoa não se pode chibar se não souber nada.

Do lado de fora os carros aceleram para longe e as pessoas correm para o meio da noite, em todas as direções em que não estão a ser disparados tiros. O Khalil leva-me a um *Chevy Impala* estacionado sob um candeeiro de rua com luz fraca. Empurra-me para dentro dele pelo lado do condutor e eu passo para o lugar do passageiro. Arrancamos à pressa, deixando o caos para lá do espelho retrovisor.

— Há sempre merda — murmura ele. — Não pode haver uma festa sem alguém levar um tiro.

Parece que estou a ouvir os meus pais a falar. É exatamente por isso que não me deixam ir «a lado nenhum» como a Kenya costuma dizer. Pelo menos não na zona de Garden Heights.

Mando uma mensagem à Kenya, esperando que ela esteja bem. Duvido que aquelas balas lhe estivessem destinadas, mas as balas vão para onde querem.

A Kenya responde relativamente rápido.

Estou bem.

Mas estou a ver aquela cabra. Já vou tratar dela.

Onde estás?

Esta miúda existe? Acabamos de fugir para salvar a vida e ela já está pronta para se meter numa briga? Nem respondo àquela parvoíce.

O *Impala* do Khalil é fixe. Não é espampanante como os carros de alguns rapazes. Não vi jantes caras quando entrei e o banco da frente tem o couro estalado. Mas o interior tem um tom foleiro de verde-lima, por isso teve alguma modificação.

Brinco com uma fenda no assento.

— Quem é que achas que foi alvejado?

O Khalil tira a escova do cabelo do compartimento na porta.

— Provavelmente um King Lord — diz ele, escovando os lados mais curtos do cabelo. — Alguns Garden Disciples entraram quando eu cheguei. Alguma coisa ia acabar por acontecer.

Assinto. Garden Heights tem sido um campo de batalha nos últimos dois meses por causa de umas guerras territoriais estúpidas. Eu nasci «rainha» porque o meu pai costumava ser um King Lord. Mas quando ele saiu do jogo, o meu estatuto terminou. Mas, mesmo tendo crescido neste meio, não entendo as lutas por ruas que não são de ninguém.

O Khalil volta a guardar a escova na porta e liga o rádio, que toca a altos berros um *rap* que o meu pai ouve milhões de vezes. Franzo a testa.

— Porque é que estás sempre a ouvir essas velharias?

— Pá, cala-te! O Tupac é que era.

— Sim, há vinte anos.

— Não, mesmo agora. Tipo, ouve isto. — Ele aponta para mim, o que significa que está prestes a mergulhar num dos seus momentos filosóficos. — «O Pac disse que “Thug Life” significa que “O Ódio que Tu Semeias nas Crianças Lixa Toda a Gente”».¹

Levanto as sobrancelhas.

— O quê?

— Ouve! O Ódio que Tu Semeias nas Crianças Lixa Toda a Gente. T-H-U-G L-I-F-E. O que significa que o que a sociedade te dá na juventude se vira contra ela quando nos descontrolamos. Entendes?

— Porra. Sim.

— Vês? Eu disse-te que ele era relevante. — Ele acena com a cabeça ao ritmo da música e canta. Mas agora pergunto-me o que ele anda a fazer para «lixar toda a gente». Por muito que pense que sei, espero estar enganada. Preciso de o ouvir da boca dele.

— Então porque é que tens andado tão ocupado? — pergunto. — Há alguns meses, o meu pai disse que te despediste da loja. Nunca mais te vi desde então.

Ele aproxima-se mais do volante.

— Onde é que queres que te leve, à tua casa ou à loja?

— Khalil...

— À tua casa ou à loja?

¹ T-H-U-G L-I-F-E, em inglês, The Hate U Give Little Infants Fucks Everybody. (NT)

— Se andas a vender aquela cena...

— Mete-te na tua vida, Starr! Não te preocupes comigo. Estou a fazer o que é preciso.

— Tretas. Sabes que o meu pai te ajudaria.

Ele limpa o nariz antes de mentir.

— Não preciso de ajuda de ninguém, OK? E aquele emprego com o ordenado mínimo que o teu pai me deu não fez nada acontecer. Cansei-me de escolher entre ter luz ou ter comida.

— Pensei que a tua avó estava a trabalhar.

— E estava. Quando ela adoeceu, aqueles palhaços do hospital disseram que iam dar-lhe trabalho. Dois meses mais tarde, ela não estava a conseguir fazer o seu trabalho, porque quando uma pessoa faz quimioterapia, não consegue arrastar caixotes de lixo pesados. E eles despediram-na. — Ele abana a cabeça. — É engraçado, não é? O *hospital* despediu-a porque ela estava doente.

O interior do *Impala* fica em silêncio à exceção da voz do Tupac a perguntar *em quem acreditas?* Não sei.

O meu telefone volta a vibrar, provavelmente é o Chris a pedir perdão ou a Kenya a pedir ajuda contra a Denasia. Em vez disso, uma mensagem em maiúsculas do meu irmão mais velho aparece no ecrã. Não sei porque é que ele faz isto. Provavelmente pensa que me intimida. Na verdade, irrita-me como poucas coisas.

ONDE É Q ESTÁS?

ESPERO BEM Q TU E A KENYA NÃO ESTEJAM NAQUELA FESTA.

OUVI DIZER Q ALGUÉM LEVOU UM TIRO.

A única coisa pior do que pais superprotetores são irmãos mais velhos superprotetores. Nem o Jesus Negro me pode salvar do Seven.

O Khalil olha para mim.

— O Seven, hã?

— Como é que sabias?

— Ficas sempre com cara de quem quer esmurrar alguma coisa quando ele fala contigo. Lembras-te daquela vez na tua festa de anos em que ele não parava de te dizer que desejos devias pedir?

— E eu dei-lhe um murro na boca.

— E depois a Natasha ficou furiosa contigo por mandares calar o «namorado» dela — diz o Khalil, a rir.

Reviro os olhos.

— Ela enervava-me com aquela paixoneta pelo Seven. Na maior parte das vezes, acho que ela só vinha lá a casa para o ver.

— Não, era por teres os filmes do Harry Potter. O que é que nos chamávamos? O Trio do Bairro. Mais chegados do que...

— O interior do nariz do Voldemort. Éramos mesmo tristes.

— Não é? — pergunta ele.

Rimo-nos, mas falta algo. *Alguém*. A Natasha.

O Khalil olha para a estrada.

— É mesmo estranho já terem passado seis anos, sabes?

Um som de sirene assusta-nos e as luzes azuis piscam no espelho retrovisor.